



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE ENFERMAGEM EM CENTRO
CIRÚRGICO, RECUPERAÇÃO ANESTÉSICA E CENTRO DE
MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO

DENIZE TIMÓTEO DOS SANTOS
GÉSSICA SANTOS DA SILVA
JAMILE REGINA MARQUES COSTA ALBUQUERQUE

ADESÃO AO USO DOS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL POR
PROFISSIONAIS NA CENTRAL DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO

SALVADOR

2014

**DENIZE TIMÓTEO DOS SANTOS
GÉSSICA SANTOS DA SILVA
JAMILE REGINA MARQUES COSTA ALBUQUERQUE**

**ADESÃO AO USO DOS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL POR
PROFISSIONAIS NA CENTRAL DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em formato de artigo científico ao Programa de Pós Graduação, da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Centro Cirúrgico, Recuperação Pós Anestésica e Centro de Material e Esterilização.

Orientadora: Maria de Lurdes Freitas Gomes

SALVADOR

2014

RESUMO

O estudo teve como objetivo identificar na literatura científica e descrever quais são os principais fatores que interferem ao uso dos equipamentos de proteção individual por profissionais do centro de material e esterilização. A abordagem metodológica utilizada foi a de revisão integrativa. Para coleta de dados foram realizadas pesquisas eletrônicas no portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e o Portal de Periódicos Capes. Do total de publicações encontradas no período de 2002 a 2012, foram selecionados 9 artigos. Os resultados evidenciaram que a adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual está relacionada à percepção que os profissionais têm dos riscos a que estão expostos e demonstrou o quanto a utilização destes ainda é deficiente e que os fatores são os mais variados possíveis no qual envolvem o próprio indivíduo, a estrutura física, recursos materiais e estrutura organizacional.

Descritores: Equipamentos de proteção. Esterilização. Riscos ocupacionais. Equipe de Enfermagem.

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo identificar en la literatura científica y describir cuales son los principales factores que intervienen en el uso de equipos de protección individual por profesionales del centro de material y esterilización. La forma metodológica usada fué la revisión integrativa. Para la obtención de los datos fueron realizadas encuestas electrónicas en el portal de la Biblioteca Virtual de la Salud (BVS), Literatura Americana y del Caribe de las Ciencias de la Salud (LILACS) y el Portal de Periódicos Capes. Del total de las publicaciones encontradas en el período de 2002 a 2012, fueron seleccionados 9 artículos. Los resultados demostraron que la adhesión al uso de equipos de protección individual está relacionada a la percepción que los profesionales tienen de los riesgos a los que están expuestos e demostro lo deficiente que es todavia el uso de estos, y que los factores son los mas variados posibles, dentro de los cuales está el próprio individuo, la estrutura física, los recursos materiales y la estrutura organizacional.

Descriptores: equipo de protección. Esterilización. Los riesgos laborales. El personal de enfermería.

ABSTRACT

The main objective of this survey is identify at the scientific literature and describe what are the main cause which interfere at the use of the personal protective equipment(PPE) by the material center and sterilization professional agents. The use of the methodological approach was based in integrative review. To collect the data, Several electronic surveys had been accomplished in the health virtual library gateway(BVS), Latin American and ca Ribean

Literature in Health Science(LILACS) and the Periodic Capes Gateway.Among all published material found between 2002 and 2012,only 9 articles were selected the results showed that the use of “PPE” is linked with the perception that the labours have about the risks they are exposed,pitured how faulty is the use of them and the factors which reach the individuos can be the most diversified ones,affecting the physical structure,material resoures as well as the organizational structure.

Descriptors: Protective equipment. Sterilization. Occupational hazards. Nursing staff.

INTRODUÇÃO

O Centro de Material e Esterilização (CME) é a unidade funcional destinada ao processamento de produtos para a saúde. Responsável pela limpeza, preparo, empacotamento, esterilização, armazenamento e distribuição para todas as unidades que prestam cuidados aos pacientes, sendo sua principal unidade consumidora, o Centro Cirúrgico. (RDC15, 2012).

No CME está envolvida a execução de atividades que oferecem variados riscos aos profissionais envolvidos no manuseio de artigos médico-hospitalares, sendo estes, causados por agentes físicos, químicos, biológico, psicossociais e ergonômicos. Tendo os profissionais maior exposição a material biológico devido a rotina de trabalho, com destaque para atividades em área ou sala de recepção e limpeza, onde estão centralizadas grandes quantidades e variedades de materiais sujos (SOBECC, 2013; NEVES et al.2011).

A limpeza é uma etapa fundamental no processo de esterilização, sendo o método usado na remoção de sujidades presentes em superfícies ou artigo. O processo de desinfecção deve ser precedido de limpeza e secagem dos artigos. Quanto mais limpos estiverem, menores chances de haver falhas no processo de desinfecção ou esterilização. Esta etapa potencializa o risco de contaminação dos trabalhadores, aumentando o risco de acidentes com perfurocortantes (TIPLPLE, 2004).

O risco biológico é a possibilidade de contato com material biológico, como sangue ou outros fluidos orgânicos, que pode transportar agentes biológicos patogênicos. Há diversos patógenos que podem ser transmitidos pela exposição ocupacional ao sangue por acidente com perfurocortantes, como o vírus da imunodeficiência humana (HIV), os vírus das hepatites B e C, o vírus T-linfotrófico humano (HTLV) e *Plasmodium SP*. Portanto a manipulação de artigos contaminados requer a adoção de medidas de segurança pelos profissionais, sendo indispensável o uso de EPI (TIPLPLE, 2004).

Conforme a Norma Regulamentadora – NR 06 (2010), equipamento de proteção individual – EPI, é todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho. Sendo a empresa e/ou instituição, obrigada a fornecer aos empregados, gratuitamente o EPI adequado ao risco, em perfeito estado de conservação e funcionamento.

Ressalta-se que aos profissionais que exercem suas funções em um CME, executando atividades de nível médio, sob orientação e supervisão do enfermeiro, como empregados numa empresa, cabe-lhes: utilizar o EPI para a finalidade a que se destina, responsabilizar-se

pela guarda e conservação e cumprir as determinações do empregador sobre o uso adequado, entre outros (NR-06, 2010).

O trabalhador do CME deve utilizar os equipamentos de proteção individual (EPI) de acordo com a sala e/ou área onde as atividades são realizadas, conforme consta no anexo da resolução – RDC N. 15 (2012).

Conforme a resolução do COREN nº424/2012 o enfermeiro enquanto responsável técnico numa CME é o profissional legalmente habilitado, que assume perante a vigilância sanitária a responsabilidade técnica pelo serviço de saúde, conforme legislação vigente. Cabendo-lhe, além de outras competências: participar do processo de capacitação, educação continuada e avaliação do desempenho dos profissionais no CME; contribuir com as ações de programa de prevenção e controle de eventos adversos em serviços de saúde, incluindo o controle de infecção e; garantir a utilização de EPI, de acordo com o ambiente de trabalho no CME.

Diante do exposto, percebe-se ainda que existe uma resistência dos profissionais em utilizar os equipamentos de proteção individual (EPI), tendo como consequência uma maior exposição aos riscos e a ocorrência de acidentes de trabalho; fato este que conduziu-nos a buscar sobre, o que a literatura nacional tem produzido sobre os fatores que interferem na adesão ao uso dos EPI por profissionais do CME?

Acredita-se que este estudo é fundamental para o aprimoramento do conhecimento sobre a temática, elaboração de estratégias que colaborem para uma maior adesão ao uso de EPIs por profissionais no CME, tendo como resultado almejado a segurança destes profissionais diante dos riscos inerentes ao processo envolvido e sensibilização dos leitores com relação ao tema.

Portanto o objetivo deste estudo foi identificar na literatura científica e descrever quais são os principais fatores que interferem ao uso dos equipamentos de proteção individual por profissionais do centro de material e esterilização.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa com método de revisão integrativa, descritiva, de abordagem qualitativa, que segundo Mendes, Silveira, Galvão (2008, p. 759 e 760), a revisão integrativa emerge como uma metodologia que inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos. Permite a inclusão simultânea de pesquisa experimental e quase-experimental e a combinação de dados de literatura teórica e empírica proporcionando uma compreensão mais completa do tema de interesse.

Para alcançar os objetivos propostos foram então percorridas as seis fases do processo de elaboração da revisão integrativa: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

Para o embasamento teórico e a seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa, foi utilizado o portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), onde encontram-se artigos em periódicos indexados à base de dados *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS) e o Portal do Periódicos Capes. Utilizaram-se os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e suas combinações: equipamentos de proteção, esterilização, riscos ocupacionais, equipe de enfermagem.

Os critérios de inclusão determinados foram artigos que convergem com a temática, originais, relato de experiência e revisão bibliográfica, disponíveis gratuitamente e encontrados na íntegra, publicados no período de 2002 a 2012, no idioma português. Foi realizada a leitura do título e do resumo dos artigos, sendo excluída toda publicação que divergiam da temática abordada, artigos de reflexão, e com ano de publicação superior a 11 anos.

Posteriormente, afim de complementar as informações obtidas, inseriu-se às referências as seguintes publicações: Práticas Recomendadas da SOBECC (Sociedade Brasileira de Enfermagem em Centro Cirúrgico e Centro de Material e Esterilização); Enfermagem em Centro de Material e Esterilização; Norma Regulamentadora (NR) 6/2010: Equipamentos de proteção individual; NR-32: Segurança e saúde no trabalho e serviços em

saúde; Resolução COFEN n. 424/2012: Atuação do enfermeiro no CME. Sendo estes referentes à temática e indispensáveis para melhor exposição do conteúdo abordado.

RESULTADOS

A pesquisa realizada na Biblioteca Virtual em Saúde, com o método por palavras, utilizando os descritores “equipamentos de proteção” e “esterilização”, na base de dados LILACS, foram encontradas 19 referências, destes foram selecionados 4 que convergiam com a temática. Para a combinação de descritores “equipamentos de proteção” e “riscos ocupacionais”, foram encontradas 113 referências, selecionados apenas 3. Ainda, na mesma base de dados utilizando: “equipe de enfermagem” e “equipamentos de proteção” e “esterilização”, das 6 referências encontradas, 2 foram selecionadas.

Para uma melhor organização dos dados contidos nas publicações, elaborou-se uma tabela contendo os seguintes dados: título do artigo, objetivo, ano de publicação, estado/região, tipo de estudo e categoria profissional. Os trabalhos foram então categorizados, objetivando estabelecer uma classificação temática.

Tabela 1:

TÍTULO DO ARTIGO	OBJETIVO	ANO DE PUBLIC.	ESTADO/ REGIÃO	TIPO DE ESTUDO	CATEGORIA PROFISSIONAL
1- Uso dos equipamentos de proteção individual entre trabalhadores das centrais de material e esterilização	Mostrar os sentimentos dos profissionais que atuam na CME da cidade de Londrina – PR ao utilizarem os EPI.	2003	Paraná/ Sul	Estudo epidemiológico, ecológico	Enfermeiras
2- Acidente com material biológico entre trabalhadores da área de expurgo em centros de material e esterilização	Caracterizar os acidentes envolvendo exposição a material biológico entre trabalhadores de expurgos; identificar a frequência da subnotificação dos acidentes e descrever as medidas de prevenção	2004	Goiás/ Centro-oeste	Estudo epidemiológico	Enfermeiros

adotadas.					
3- Enfermagem no centro de material esterilizado – A prática da educação continuada	Caracterizar a prática da Educação Continuada oferecida ao pessoal que desenvolve atividades de enfermagem nos CME de hospitais da microrregião de São José dos Campos, SP.	2004	São Paulo/ Sudeste	Estudo descritivo e exploratório	Enfermeiras
4- Equipamentos de proteção em centrais de material e esterilização: Disponibilidade, uso e fatores intervenientes à adesão	Identificar a adoção de EP pelos trabalhadores de CME; identificar a disponibilidade destes equipamentos nos serviços e estabelecer fatores facilitadores e dificultadores de sua adoção.	2007	Goiás/ Centro-oeste	Estudo descritivo	Enfermeiras
5- Adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual pela enfermagem	Identificar a adesão ao uso dos EPI pela enfermagem e o conhecimento destes profissionais sobre o assunto.	2008	São Paulo/ Sudeste	Estudo descritivo	Enfermeiras
6- Influência da exposição a material biológico na adesão ao uso de equipamentos de proteção individual	Avaliar se a exposição a material biológico é um fator determinante para a adesão ao uso do EPI por parte dos trabalhadores de enfermagem.	2010	Goiás/ Centro-oeste	Estudo descritivo, qualitativo	Enfermeiros
7- Segurança dos trabalhadores de enfermagem e fatores determinantes para	Analisar as razões, atitudes e crenças dos trabalhadores de enfermagem, referentes à adesão aos EPI.	2011	Goiás/ Centro-oeste	Estudo exploratório, qualitativo	Enfermeiros

adesão aos equipamentos de proteção individual					
8- A metodologia problematizadora na prevenção de acidentes em central de material e esterilização	Relatar a experiência da utilização da metodologia problematizadora na prática de educação continuada de um hospital do sul do Brasil.	2011	Rio Grande do Sul/ Sul	Estudo descritivo do tipo relato de experiência	Enfermeiros
9- Riscos ocupacionais e mecanismos de autocuidado do trabalhador de um centro de material e esterilização	Investigar riscos ocupacionais e mecanismos de autocuidado utilizados pelos auxiliares e técnicos de enfermagem que trabalham em um CME.	2012	Rio Grande do Sul/ Sul	Estudo descritivo, qualitativo	Enfermeiras

Obtiveram-se então os seguintes resultados referente aos 9 trabalhos selecionados que tratam-se de pesquisas empíricas, sendo um relato de experiência, e 3 trabalhos extraídos de dissertação de mestrado. Todos na língua portuguesa. De acordo com a origem das pesquisas há uma predominância no estado de Goiás na região Centro- Oeste, seguido da região Sul e Sudeste. Estes se dirigiram ao setor específico que foi a Central de Material e Esterilização localizados em hospital geral, hospital escola, das redes públicas e privadas, hospital filantrópico, de médio e grande porte. A população de estudo abordada foi, em sua maioria, trabalhadores que fazem parte do quadro de profissionais da equipe de enfermagem, variando na descrição das categorias: enfermeiro, técnico e auxiliar de enfermagem, atendente de enfermagem, instrumentadores cirúrgicos, auxiliares de esterilização, trabalhadores do serviço de higienização e limpeza, os que não possuíam formação na área de enfermagem e estudantes de enfermagem.

DISCUSSÕES

A partir da análise feita nos artigos selecionados, entende-se que a adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual está relacionada à percepção que os profissionais têm dos riscos a que estão expostos. Portanto a não adesão ao uso do EPI é uma questão intrigante, que mesmo tendo a finalidade de proteger o indivíduo, muitas vezes não é cumprido. Diante dos múltiplos fatores que interferem à adesão ao uso do EPI, estes foram divididos nas seguintes categorias:

FATORES RELACIONADOS AO PRÓPRIO INDIVÍDUO

Diante das justificativas expostas, os autores alegam que os fatores de cunho individual são predominantes e talvez os mais complexos, sofrendo influência de diversas variáveis que precisam ser analisadas com maior profundidade (TIPPLE et al, 2007).

Em um estudo sobre os fatores intervenientes à adesão ao uso dos equipamentos de proteção em centro de material esterilização, os autores descrevem algumas justificativas para a não adesão relatada pelos profissionais. Foi possível identificar que a compreensão do trabalhador quanto à necessidade do uso do EPI foi maior do que a adesão em si (TIPPLE et al, 2007).

Diversas foram as justificativas para não adesão independente do tipo de área de atuação (suja e/ou limpa), sendo estas: não gostar, falta de hábito, acreditar que não é necessário ou que o material não está contaminado. Para os trabalhadores que atuavam em área limpa as justificativas foram: falta de atenção, alergia, má qualidade, comodismo, economia, sair muito do local. Já para os trabalhadores de área suja os argumentos foram: desconforto, atrapalhar a realização do serviço, teimosia, displicência, falta de supervisão e acreditar que não é eficiente (TIPPLE et al, 2007).

Em outro estudo, os autores puderam perceber os sentimentos dos trabalhadores de CME quanto ao uso do EPI, e afirmam que 55% dos trabalhadores entrevistados apresentam algum sentimento negativo. Segundo os autores, os trabalhadores sentiam-se mal ao usar os EPIs, porém ao mesmo tempo sentem-se protegidos. Além disso, o autor também explana que os trabalhadores que fazem uso dos EPIs, o fazem por ser norma da instituição onde trabalham e que talvez se pudessem escolher não usariam. (RIBEIRO, VIANNA, 2012)

Na maioria das vezes os profissionais não consideram os riscos biológicos ao exercerem suas atividades tão importantes o quanto realmente são, não identificando as possíveis consequências da falta do uso dos EPIs, portanto a adesão ao uso de EPI está diretamente relacionado com a percepção de risco ao qual o funcionário está exposto (RIBEIRO, VIANNA, 2012).

FATORES RELACIONADOS À ESTRUTURA FÍSICA E RECURSOS MATERIAIS

A estrutura física está relacionada às condições das instalações que é fornecido ao trabalhador no ambiente no qual ele passa sua jornada de trabalho. E os recursos materiais são os insumos adequados para a realização do serviço, assim como os EPI. Diversas pesquisas citam fatores relacionados a essa categoria como impeditivos a utilização do EPI.

O calor, a alta temperatura, ventilação deficiente caracteriza-se risco ergonômico do tipo físico, e são citados como fatores que trazem desconforto ao trabalhador durante a execução de sua função, sendo ainda mais potencializado com o uso de alguns EPIs, como máscara e aventais, resultando em queda da produtividade (ESPINDOLA, FONTANA, 2012; NEVES et al, 2011).

Segundo o preconizado na RDC N^o. 15 (2012, p.11) o sistema de climatização da área de limpeza do CME, deve manter temperatura ambiente entre 18° e 22° C; na sala de preparo e esterilização deve ser entre 20° e 24° C. Além de outras especificações quanto à climatização, com o objetivo de garantir conforto térmico e qualidade no reprocessamento dos artigos. No entanto alguns estudos demonstram que a estrutura física e a ventilação em algumas instituições ainda são negligenciadas. (ESPINDOLA e FONTANA; 2012).

Quanto aos recursos de materiais nota-se que quando disponível, muitos EPIs não são utilizados, pois a maioria dos trabalhadores encontram algum tipo de dificuldade ou de adaptação ao uso desses equipamentos, além da negligencia de algumas instituições quanto ao numero insuficiente do EPI disponível. (ESPINDOLA, FONTANA, 2012; TIPPLE et al, 2007). Estando em desacordo com a Norma Regulamentadora N^o32(2005), onde afirma que todo EPI, descartáveis ou não, deverão estar à disposição em número suficiente nos postos de trabalho, de forma que seja garantido o imediato fornecimento ou reposição.

A maioria dos trabalhadores não utilizam EPI no momento em que ocorre o acidente, sendo que algumas situações não há disponibilidade dos mesmos. Em muitos casos os trabalhadores avaliam se há necessidade do seu uso, não valorizando a importância para a

prevenção e consequências desses acidentes de trabalho. (TALHAFERRO, BARBOZA e OLIVEIRA, 2008; TIPPLE et. al 2007).

RIBEIRO e VIANNA (2012) acrescentam que os trabalhadores fazem uso dos EPI's por serem normas das instituições que trabalham e se tivessem poder de escolha não usariam. Pois por não ter tamanhos adequados a cada um causa um enorme desconforto e incomodo no uso dos mesmos. Mas de acordo com a Norma Regulamentadora N° 6 (2001) a empresa é obrigada a fornecer aos empregados, gratuitamente, EPI adequado, em perfeito estado de conservação e funcionamento.

Em relação à Luva de procedimento, esta é citada como exemplo de EPI menos utilizado. Chama-nos a atenção à quantidade de profissionais que considera utiliza-lo da forma incorreta, muitas vezes erroneamente em substituição á luva de borracha, levando esses profissionais a exposição de riscos, tanto no manuseio de materiais, quanto nos cuidados prestados aos pacientes. Muitos são os motivos que levam ao não uso desse EPI, como tamanho inadequado, diminuição da sensibilidade, má qualidade do produto, alergias, habito, dentre outros, que são barreiras para o adequado uso das luvas. (TALHAFERRO, BARBOZA e OLIVEIRA, 2008).

FATORES RELACIONADOS À ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Com relação à estrutura organizacional no CME, destaca-se o planejamento das ações e estratégias adotadas, envolvendo a diretoria, conselhos, coordenação e chefias, que devem trabalhar para o desenvolvimento dos diversos processos de trabalho. Essa estrutura também pode influenciar o profissional na utilização do EPI.

TIPPLE et al, 2004, comprova em seus estudos que a falta de recursos financeiros, falta de apoio administrativo e a estrutura organizacional são barreiras que impedem a adesão dos profissionais ao uso do EPI.

Ainda segundo o mesmo autor, a estrutura organizacional e gerencial deve colaborar e estimular a tomada de decisão para o uso do EPI, envolvendo o profissional nesse processo, de forma a anular as barreiras inerentes ao seu uso e às crenças dos profissionais, conscientizando para a melhora das condições de trabalho.

Em um estudo sobre riscos ocupacionais no CME e mecanismos de autocuidado do trabalhador, foi citado que para melhoria das condições de trabalho, era necessário desde a gestão o diálogo entre as equipes. Quando as relações interpessoais no ambiente laboral não

são saudáveis desgastam e são decisivas para a não utilização do EPI, principalmente se referindo a chefe e o subordinado, mas se existe diálogo com a equipe ocorrem progressos que contribuem para a construção de ambiências saudáveis. (ESPINDOLA, FONTANA, 2012; TIPPLE et al, 2007).

Dessa forma, a supervisão, citada como fator que leva o profissional a não se proteger quando negligenciada, exercerá influencia positiva, sendo todos os profissionais igualmente cobrados quanto à utilização do EPI, evitando que um impulse o outro para comportamento de risco.

Outra importante questão é a contratação de profissionais não especializados para atuar em CME como verificado em diversos estudos, o que pode comprometer a qualidade do serviço e o expõe a praticar negligencia, imperícia ou imprudência por não ter o conhecimento teórico sobre a obrigatoriedade no uso do EPI imprescindível para execução das funções que exerce.

Se a prática da educação permanente realizada nas instituições, citada na totalidade dos estudos, como de suma importância para consolidação da teoria já adquirida pelo profissional, fica evidente que aquele trabalhador que não adquiriu em nenhum momento anterior à posse da função, estará mais suscetível ao descumprimento das regras de segurança, sendo este um motivo pelo qual estes profissionais negligenciam o uso do EPI.

GRAZIANO, SIVA E PSALTIKIDIS (pag. 18, 2011), aborda que no passado a despreocupação com o preparo de pessoal para atuar no CME era generalizada, porém atualmente com a tecnologia bastante avançada, com tarefas automatizadas e os equipamentos de esterilização modernos e sofisticados, exige-se um trabalhador mais bem qualificado. O processamento de produtos para a saúde se torna uma atividade complexa, com o surgimento de produtos de natureza e design variados, cuja operação requer um profissional responsável, habilitado, atualizado com frequência, com interesse e motivação para o aprendizado constante.

É portanto, de responsabilidade do enfermeiro do setor as consequências advindas do trabalho de um profissional desqualificado sendo membro da equipe de enfermagem, como também é dos gestores responsáveis pela contratação dos mesmos sem o devido treinamento e estímulo contínuo à busca pelo aprimoramento.(TIPPLE 2004; 2007)

A falta de profissionais exclusivos para cada setor, com acesso simultâneo aos setores limpo e sujo do CME, segundo o mesmo autor, interfere na adesão ao EPI recomendados para cada área, já que o profissional terá que colocar ou retirar algum EPI que seja adequado para a área em que esteja no momento. O cruzamento de pessoal nessas áreas potencializa o risco de

contaminação quando o profissional da área suja transita pelas áreas limpas e vice-versa, sem o devido cuidado de retirar os EPIs e realizar a higiene das mãos, transformando-o em um equipamento de disseminação coletiva (EDC).

Para a melhoria das condições de trabalho, contratação adequada de profissionais a fim de evitar quebra de princípios básicos dentro do CME, como o fluxo unidirecional de material e pessoal, e a proteção do profissional, a gestão deve estar envolvida e comprometida em oferecer tais adequações. Cabe ao enfermeiro a função de supervisão das atividades executadas e um melhor dimensionamento dos profissionais de acordo com a função e área de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou o quanto a utilização de equipamentos de proteção ainda é deficiente, e que os fatores são os mais variados possível, o que requer do enfermeiro que atua no CME habilidades para o manejo do tema, e a consequente mudança de hábitos dos profissionais.

A aplicação de métodos eficazes para educação continuada, possibilitará mesmo que aos poucos, uma inovação no modo de pensar dos profissionais, visando a transformação e conscientização no intuito de estimular a equipe a adotar os EPIs em sua prática.

A educação continuada deve ser realizada continuamente, e o enfermeiro responsável por sua equipe, não deve somente dar um saber sistematizado aos funcionários. Esses devem vivenciar e refletir juntos, despertando a vontade de aprender e consequentemente executar em seu dia-a-dia. O saber gerado na prática cotidiana possibilita maior apreensão e torna o aprendizado efetivo.

Outro aspecto imprescindível a ser considerado, de responsabilidade da gestão e administração numa instituição, é a adequação de instalações, qualidade e disponibilidade dos produtos, de forma que sejam fornecidas ao trabalhador todas as condições necessárias para que seu bem-estar e segurança possam ser assegurados dentro do ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Resolução RDC nº15 de 15 de março de 2012. Dispõe sobre requisitos de boas práticas para o processamento de produtos para saúde e dá outras Disposições. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br>. Acesso em: 20/11/2014.
2. SOBECC. Sociedade Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização Práticas Recomendadas, 5. ed. São Paulo:SOBECC;2013.
3. TIPPLE Anaclara Ferreira Veiga et al. Acidente com material biológico entre trabalhadores da área de expurgo em centros de material e esterilização. Acta Scientiarum. Health Sciences., Maringá 2004, 26 (2):271-278. Disponível em: <http://www.nascecme.com.br/artigos/928.pdf>. Acesso em: 22/11/2014.
4. NEVES Heliny Carneiro Cunha et al. Segurança dos trabalhadores de enfermagem e fatores determinantes para adesão aos equipamentos de proteção individual. Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.19 no.2 Ribeirão Preto Mar./Apr. 2011 pp. 354-361. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n2/pt_18. Acesso em: 24/11/2014.
5. BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. NR-6 - Equipamento de Proteção Individual. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2010. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br>. Acesso em: 20/11/2014
6. BRASIL. Resolução COFEN Nº 424 de 15 de fevereiro de 2012. Normatiza as atribuições dos profissionais de enfermagem em Centro de Material e Esterilização (CME) e em empresas processadoras de produtos para saúde. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-n-4242012_8990.html. Acesso em: 20/11/2014
7. MENDES, Karina Dal Sasso; Silveira, Renata Cristina de Campos; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 758-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>. Acesso em: 20/11/2014
8. TIPPLE, Anaclara Ferreira Veiga et al. Equipamentos de proteção em centro de material e esterilização: disponibilidade, uso e fatores intervenientes à adesão. Cienc Cuid Saude., 2007 Out/Dez; 6(4):441-448. Disponível em:

- <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/3877>. Acesso em: 20/11/2014.
9. RIBEIRO Renata Perfeito, VIANNA Lucila Amaral Carneiro. Uso dos equipamentos de proteção individual entre trabalhadores das centrais de material e esterilização. *Cienc Cuid Saude.*, 2012; 11 (suplem.): 199-203. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/17076>. Acesso em: 22/11/2014.
 10. ESPINDOLA Marcia Cristina Guimarães, FONTANA Rosane Teresinha. Riscos ocupacionais e mecanismos de autocuidado do trabalhador de um centro de material e esterilização. **Rev. Gaúcha Enfer.**, Porto Alegre (RS) 2012 mar, 33(1):116-23. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100016. Acesso em: 20/11/2014.
 11. TALHAFERRO, Belisa; BARBOZA, Denise Beretta; OLIVEIRA, Andrea Ranucci de. Adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual pela enfermagem. *Rev. Ciênc. Méd., Campinas*, 17(3-6):157-166, maio/dez., 2008. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/viewFile/753/733>. Acesso em: 20/11/2014.
 12. GRAZIANO, K.U; SILVA, A; PSALTIKIDIS; E.M. Enfermagem em Centro de Material e esterilização. Barueri, SPS: Manole, 2011.
 13. ZUGE Spiegelberg Zuge *et al.* A metodologia Problematizadora na prevenção de acidentes em central de material e esterilização. **Cogitare Enferm.** 2012 Jan/Mar; 17(1): 162-5. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/view/26392>. Acesso em: 20/11/2014.
 14. Ministério do Trabalho e Emprego. NR 32 – Segurança e saúde no trabalho em serviços de saúde. Portaria nº 485, de 11 de novembro de 2005. DOU de 11/11/2005. Disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/nr/nr32.htm>. Acesso em: 20/11/2014.